

nal". Levava ao pelourinho os poucos jornais que apoiavam os candidatos populares, como *Última Hora*, publicando a lista de nomes das firmas que ainda ousavam anunciar nesses jornais, sob o título: "As classes produtoras e o financiamento do comunismo". Com verbas geridas por Dario de Almeida Magalhães e Artur Oscar Junqueira, e utilizando como testa-de-ferro a Ivã Hasslocher, o IBAD organizou frotas de automóveis, montou redes de rádio e de televisão, comprou a opinião de jornais, financiou centenas de candidatos, achincalhou reputações, fez intimidação e chantagem e chegou ao cúmulo de instalar sistema próprio de gravações no Congresso Nacional<sup>(359)</sup>. O escândalo ibadiano ganhou novos aspectos quando o deputado Leonel Brizola, que vinha fazendo, pelo rádio, campanha sobre os empréstimos de instituições oficiais de crédito a jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão, exibiu fotocópia de contrato celebrado entre o vespertino *A Noite* e a *Sociedade Incrementadora de Vendas Promotion*, em que esta comprava a opinião daquele jornal por cinco milhões de cruzeiros, para que este se empenhasse na campanha dos candidatos da Ação Democrática Parlamentar: *Promotion* controlaria a matéria política, faria os editoriais, prepararia a primeira página; à redação pertencia a tarefa anticomunista, proibido o jornal de publicar, mesmo como matéria paga, qualquer coisa que fugisse à linha da ADP. Nessa mesma linha, mas num campo de ação de amplitude muito maior, vinha operando, com sede em S. Paulo, o IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais), a cuja direção pertencia Leopoldo de Figueiredo, ex-diretor do Banco do Brasil, no governo Jânio Quadros; ao IPES pertencia a tarefa "cultural", constituindo-se os seus quadros de militares e de homens de empresa. A engrenagem do IBAD era complexa e seus fios levavam a muitos endereços, mas o problema principal, para a CPI, estava em apurar as fontes das vultosíssimas verbas geridas e distribuídas pela sinistra organização<sup>(360)</sup>.

(359) Reportagem de Edmar Morel em *O Semanário*, Rio, 11 de julho de 1963.

(360) "Nessa altura, Junqueira interveio, querendo saber a procedência do dinheiro e Hasslocher respondeu que era de 60 firmas brasileiras, do Rio e de São Paulo, mais de São Paulo do que do Rio, cujos nomes não dava logo porque estava completando a relação. Explicou aí o sr. Leopoldo que era um desejo de quantos trabalhavam na ADEP o de conhecer a origem desses recursos. Disse mais que, a partir de junho de 1962, a curiosidade foi crescendo e as cobranças da lista de nomes eram feitas constantemente pelo sr. Artur Junqueira, até mesmo pelo telefone. E que a preocupação chegou a tal ponto que, após uma reunião na casa do sr. Castilho Cabral, o sr. Artur Junqueira interpelou o general Gentil João Barbato sobre o assunto, manifestando a preocupação de que o dinheiro fosse estrangeiro. O general Gentil João Barbato respondeu que não lhe importava se o dinheiro era estrangeiro ou não, ainda que americano ou russo, desde que estava sendo bem empregado em defesa da democracia. Encerrou afinal suas considerações sobre este aspecto, dizendo que ainda hoje restam dúvidas sobre a origem do dinheiro". (*Última Hora*, Rio, 11 de outubro de 1963).